

## ”Deixem-me sonhar...”



Sonhar é, para muitos, quase sempre inútil. Nos sonhos dos pobres e humildes entram coisas grandiosas, como em todos os dramas da existência, as estrelas, o céu e o infinito. Nos sonhos dos humildes entra com mais facilidade Deus. E isso na verdade tem um sentido que não se pode medir nem pesar.

Na existência perdida dos necessitados, sempre houve desespero mas também ternura, porque cada ser pertence ao universo e neste, cabem todas as construções imaginárias que o sustenta. E, porque a vida tem o sonho sem limites. Neste, cabe tudo o que o ser humano vai remoendo e maquinando e o pobre, em sonhos, vai-se desferrando e remexendo nos seus pensamentos que o podem levar às mais fantásticas aventuras de felicidade e de prazer...

Nos sonhos, há lugar para tudo; os dias e as noites, as conversas monologadas e infundáveis; nos sonhos cabem a dor e o sorriso e neles têm lugar a felicidade eterna, eterna só enquanto os sonhos durarem... nos sonhos o pobre sente-se como igual à pessoa afortunada que conhece e inveja, e até pode trocar de lugar na escala social...o desafortunado da vida imagina até que é ele quem conduz um “boca de sapo” levando ao lado uma mulher loura e bonita de cabelos ondulantes ...por que não? É sonho, apenas sonho.

Os sonhos bons são melhores no inverno porque as noites grandes permitem que isso aconteça, uma vez que os pobres, indigentes e humildes, muito cedo vão para a cama para assim enganarem a fome levando no estômago a esperança da conquista de um lindo sonho. Antigamente sonhava-se muito...o mundo andava mais devagar, conversava-se mais e sabia-se mais sobre as pessoas. Sobretudo as mulheres em Mateus, bem cedo, juntavam-se no fontanário, nos tanques ou nos fundegos para lavarem a roupa e de boca bem aberta cantavam falando dos sonhos, alguns etéreos, esplendorosos outros roçando a delicadeza do amor e do desamor, das traições e das mentiras...

Eram apenas sonhos, tão cheios de emoção, tão íntimos e extraordinários que mais pareciam pequenos milagres. Algumas raparigas infelizes nos namoros, cantavam falando das conquistas em sonhos como se de realidade se tratasse. As infidelidades aconteciam sorradeiras e no maior segredo dos deuses...

Há muito tempo que se ouvia dizer nas aldeias a pessoas mais velhas e inconformadas que todos nós trazemos nos olhos da alma, uma casa, uma rua, um sinal de esperança na realização de um sonho que se quisermos se pode tornar realidade.

Quando se falava dos pobres havia sempre alguém que minorava essa fatalidade dizendo que a pobreza era a primavera da vida...que dos pobres humilhados, revolvidos, nasce o mundo da vida eterna e o espírito com que se constrói o mundo...

Há muito tempo havia em Mateus um pobre, tão pobre que até os cães troçavam dele. Todos os caminhos por onde ele passava tinham pedras e lixo imundo e o seu viver era todo lodo doloroso e amargo. Não tinha eira nem beira e a mãe nunca a conhecera. Ele dizia que a mãe era a desgraça e o infortúnio que por todo o lado o espezzinhava e humilhava. Andava na aldeia de manto roto e esfarrapado, com frio e fome mas com vontade de sonhar.

Os rapazes, insultavam-no e chamavam-lhe nomes. Nomes feios, e ao pobre só lhe restava, na sua condição de pessoa, um trunfo de oiro- o sonho. Quando de noite andava a deambular pelas portas, solitário, era expulso com desprezo e escárnio. Quando com ele levava o seu irrequieto cão “mico” logo de casa saía alguém com um pau ou estadulho obrigando os dois a correrem dali, ouvindo-se o mico furioso a debitar sons que pareciam gritos de revolta.

Às vezes pedia trabalho, sujeitava-se a qualquer tipo de serviço mas a dor rapidamente lhe brocava a carne ressequida e os ossos salientes davam sinais de que o desgraçado estava mesmo mal...no largo da aldeia em voz rouca de surdina gritava quanto podia: “ deixem-me sonhar...”

Cada vez mais debilitado, vilipendiado, caminhava mais derreado e trôpego agarrando-se à sua fé e às suas lágrimas...ninguém o acolhia porque a natureza o fizera uma criatura disforme que mal sabia falar...mas a cada momento ele pedia em forma de oração pungente erguendo as mãos para o céu sussurrando:” deixem – me sonhar” ...

Trágico calvário do homem que sempre quisera sonhar e como poeta transfigurado desapareceu num dia de sol que corria e queimava a jorros a ingratidão das pessoas. Dizia-se que depois de morto alguém ouviu a voz de Deus todo- poderoso dizer em tom grave e profético que o homem que em vida fora desprezado levou com ele um sonho lindo que não mais deixou de sonhar...finalmente repousava num lugar resplandecente junto a um rio de águas mansas acariciado por ventos sempre brandos e aconchegantes...

05 de fev. 2014